



O Amor Mora do Lado



A vida também nos reserva boas surpresas...

DEBBIE MACOMBER

Autora best-seller do

The New York Times

com mais de 160 milhões de livros vendidos



Um



— Sou tão firme quanto uma minhoca — Lacey Lancaster murmurou enquanto entrava em seu apartamento. Jogou a correspondência sobre uma mesa de canto e olhou para Cléo. — Não disse uma palavra ao Sr. Sullivan, não soltei nem um pio.

Cléo, sua gata da raça abissínia, entrelaçou o corpo amorosamente nos tornozelos de Lacey. O rabo dela se enrolou em volta de sua canela como um boá de penas, suave, macio e acalentador.

— Tive a oportunidade perfeita para pedir um aumento, e você acha que a aproveitei? — Lacey perguntou, chutando o ar para que os sapatos voassem em direções contrárias. — Ah, não, deixei-a passar. E sabe por quê?

Cléo aparentemente não sabia. Lacey tirou a capa de chuva de vinil verde-brilhante, abriu a porta do armário e a enfiou lá dentro.

— Porque sou uma covarde, por isso!

Entrando na cozinha, ela abriu a geladeira, botou a cabeça lá dentro e ficou observando deprimidas sobras de comida, duas embalagens de comida chinesa e os bulbos de tulipa que ela pretendia plantar na sacada outubro passado.

— Estou morta de fome! — Ela abriu a gaveta de vegetais e pegou um talo mole de aipo. — Você sabe qual é o meu problema, não sabe?

Cléo miou e se esfregou nos tornozelos de Lacey novamente.

— Ah, desculpe! Você também deve estar com fome. — Lacey abriu o armário da cozinha e pegou uma lata de comida para gatos. Para sua surpresa, Cléo não demonstrou nem um pingão de interesse, levantou o rabo e empinou o traseiro.

— O que está havendo com você? Sério, Cléo, esse não é o momento para bancar a esquisita. Preciso conversar! — Levando seu talo de aipo consigo, foi até a sala e se jogou no sofá.

— Trabalho como uma escrava, aguento todo tipo de hora extra sem receber nem um tostão por isso, aliás, e tudo isso para quê? O Sr. Sullivan não me dá valor. E ainda

usa as *minhas* ideias de decoração. A pior parte é que ele nem se dá ao trabalho de me dar crédito. — Ela abocanhounhou a ponta do aipo e mastigou-a com se estivesse se vingando de algo. O talo balançou de um lado para outro com o ataque e, então, curvou-se lentamente para baixo.

Lacey estudou o aipo.

— Parece comigo, de tão mole! — Sem conseguir ficar sentada, começou a andar pela pequena sala. — Não tive aumento durante o ano todo em que trabalhei para ele, mas assumi muitas outras responsabilidades e completei projetos que ele não podia ou não queria fazer. Se não fosse por mim, o Sr. Sullivan não saberia o que estava acontecendo no próprio negócio. — Nesse ponto, ela já estava sem fôlego e furiosa. — Trabalho mais que ele, mas ele quem é o dono, por Deus!

Obviamente Cléo concordava, pois soltou um gemido grave e choroso. Lacey nunca havia tido um gato, mas, depois de um divórcio devastador, sentiu que precisava de alguém. Ou de uma coisa. Que veio a ser Cléo.

Ela avistou a gata pela primeira vez na vitrine de um pet shop, com um olhar desamparado. O irmão e a irmã de Cléo haviam sido vendidos duas semanas antes e ela estava sozinha. Abandonada, a gata, já um pouco crescida, olhava, sem esperança e triste, o mundo passar diante de seus olhos.

Lacey estava sofrendo com as mesmas emoções e, logo que se conheceram, as duas se tornaram amigas. Nada bobo, o dono do pet shop reconhecia uma boa venda de longe. Ele usou toda sua lábia para convencê-la de que Cléo era um ótimo investimento. Se ela a cruzasse e vendesse os filhotes, dentro de mais ou menos um ano, de acordo com ele, o investimento original seria compensado.

Lacey não estava muito interessada em criações, mas parecia algo que deveria tentar. Ela queria companhia, e, depois de seu casamento desastroso, não queria mais saber de homens em sua vida. Um gato não mentiria para ela, não a trairia nem a faria sofrer. Peter, no entanto, havia feito tudo isso com uma precisão cirúrgica.

Ah, o velho Peter! Ela lhe deveria agradecer por todas as lições preciosas que ele a havia ensinado. Talvez um dia ela se lembrasse do casamento sem sentir aquela dor esmagadora. Ele prometeu amá-la e respeitá-la, e então anunciou, calmamente, em uma tarde de domingo, sem aviso prévio, que a estava deixando para ficar com outra pessoa.

A tal da outra pessoa era uma loura alta com olhos azul-piscina e um corpo voluptuoso. Lacey analisou a concorrência, decidiu que não tinha nenhuma chance de ganhar a disputa e assinou o divórcio. Ah, houve outros tipos de

disputa, mas ela deixou seu advogado tratar disso e fez o máximo para ficar de fora. Assim que o divórcio saiu, cortou seus laços com a cidade, mudou-se para São Francisco, encontrou um trabalho que amava e recomeçou a vida.

Mais ou menos isso.

Dessa vez ela seria mais esperta. Homens estavam completamente fora de questão. Pela primeira vez, estava se sustentando. Pela primeira vez, não precisava de mais ninguém; porque poderia acontecer tudo de novo: outra loura com corpo de coelhinha da *Playboy* poderia destruir sua vida uma segunda vez. Era melhor não arriscar. Quem precisava desse tipo de sofrimento? Ela, não!

Lacey não estava se menosprezando. Com cabelos loiros esculpidos ao redor do rosto e os olhos verdes, parecia uma fada adorável. Ela não chegava a ter um metro e meio de altura, enquanto seu irmão, cinco anos mais velho, tinha quase um metro e oitenta. Ela nunca entendeu por que a natureza havia economizado tanto em sua altura.

Após o divórcio, Lacey ficou aos frangalhos e se sentiu perdida. Trazer Cléo para sua vida a ajudou muito, tanto que achava ser possível viver sem a companhia de um homem. Sua gata era a companhia de que precisava.

— Tudo bem, tudo bem, você está certa — Lacey disse, olhando para sua inquieta amiga felina. — Concordo plena-

mente com você. Sou uma covarde. O verdadeiro problema é que não quero largar esse emprego. Só quero ganhar o que mereço, que é bem mais do que ganho agora. — Ela saiu do divórcio com um acordo generoso. Caso contrário, estaria passando por um tremendo aperto.

Cléo concordou com um choramingar grave, diferente de qualquer som que já fizera antes.

Lacey estudou a gata.

— Você está bem, garota? Sua voz está estranha.

A gata empinou novamente o traseiro e saiu como um tiro pela sala para atacar seu rato de tecido. O que quer que a estivesse incomodando, havia passado. Pelo menos, Lacey esperava que sim.

Resmungando para si mesma, voltou à cozinha e reexaminou o conteúdo da geladeira. Não havia nada lá dentro que a deixasse com água na boca. As embalagens de comida chinesa estavam cheias de arroz duro e seco, e de um molho vermelho grosso que um dia havia sido carne de porco agriçoce. A carne já não estava mais lá e o molho parecia gelatina de cereja. Os únicos itens comestíveis eram os bulbos de tulipa, não que pensasse na possibilidade de comê-los.

Ela esperava se dar o luxo de celebrar seu aumento. A pizza do Domino era a coisa mais extravagante que

conseguia pensar. Mas não estava celebrando nada naquela noite. Se quisesse jantar, teria de preparar alguma coisa.

O conteúdo dos armários da cozinha não estava promissor: algumas latas de sopa no meio de quinze latas de comida *gourmet* para gatos.

Sopa.

Sua vida se reduziu a uma escolha entre creme de cogumelo ou sopa de vegetais. Às cegas, pegou uma lata de sopa de vegetais. No freezer, havia uma embalagem de pão de fôrma. Suas opções de sanduíche se limitavam ao de pasta de amendoim com geleia ou queijo quente.

— Às vezes acho que odeio você! — As palavras atravessaram a parede da cozinha com tamanha clareza que parecia que a pessoa que as dizia estava a seu lado.

Lacey suspirou. Seu vizinho, Jack Walker, e a namorada estavam brigando outra vez. Não havia sido apresentada a ele, mas tudo bem. O cara sofria de problemas graves com mulheres. Pelo que ouvia através da parede, parecia que o casal precisava de terapia desesperadamente. Ela evitava o vizinho como o diabo evita a cruz, apesar de ele já ter tentado estabelecer contato inúmeras vezes. Era educada, mas firme e até mesmo desencorajadora. No entanto, tinha de lhe dar algum crédito: ele não aceitava “não” como resposta tão facilmente. Com o passar dos meses, seus métodos se torna-

ram cada vez mais criativos. Ele tentou flores, recados presos à porta e, uma vez, tentou atraí-la até seu apartamento com a oferta de um jantar. De todas as táticas, a promessa de uma refeição havia sido a mais atraente, mas Lacey reconhecia uma encrenca de longe, então, resistiu bravamente.

Sair com Jack estava fora de questão, principalmente porque ele já estava envolvido com outra pessoa. Lacey perdeu a conta das vezes em que pôde ouvi-lo discutir com a namorada. Em algumas noites, teve de ligar o rádio para abafar o barulho.

Como era educada e preferia evitar problemas, nunca reclamou. Lacey era o tipo de pessoa que deixava que os outros passassem por cima dela.

— Antes eu não era mole assim — ela se queixou para Cléo. — Foi nesse último ano que perdi a autoconfiança. Gostaria de culpar o Sr. Sullivan, mas não posso. Não quando sou eu a culpada. Você pensa que é fácil, que é uma coisa pequena, pedir aumento, né? Mas não é, e, para piorar, fico me sentindo como o Oliver Twist.¹ Ao menos ele teve coragem de pedir mais. O Sr. Sullivan deveria agradecer aos céus. Sou boa no que faço, mas ele lá percebe? Ah, não! Ele simplesmente não reconhece meu valor.

¹ Oliver Twist é um personagem de Charles Dickens, costuma-se dizer que alguém é um Oliver Twist quando essa pessoa nunca está satisfeita e sempre quer mais (N. T.).

Terminado o discurso, percebeu que Cléo havia desaparecido. Até mesmo a gata havia desertado. Ela a encontrou no peitoril da janela, miando pateticamente.

Lacey pegou a gata no colo e a afagou.

— Será que estou tão envolvida com meus problemas que deixei você de lado?

Cléo saltou de seus braços e correu até o quarto.

A discussão continuava no outro apartamento.

— Sarah, pelo amor de Deus, seja sensata! — Jack gritava.

— Solte os cachorros em cima dele — Lacey disse em voz baixa. — Aposto que você não sabia que ele estava saindo com outras, né? Bem, não se martirize. Eu também não sabia que Peter era tão mulherengo.

Sarah aparentemente seguiu seu conselho, pois a gritaria se intensificou. Jack, que geralmente era o mais calmo dos dois, já estava começando a perder as estribeiras.

Se ouvisse com bastante atenção, talvez descobrisse a causa da briga, mas, na verdade, Lacey não estava tão interessada assim.

— Eu o vi com outra semana passada — ela complementou, só por diversão. Lacey havia encontrado Jack nas caixas de correio. Havia uma mulher com ele e não era Sarah. Mas era sempre Sarah que voltava. Era sempre com

Sarah que ele gritava. Pelo jeito, a pobrezinha gostava muito dele. Que azar!

— Vou tomar a sopa de vegetais — Lacey informou Cléo enquanto entrava no quarto, achando que a gata gostaria de saber. — Não é nada que lhe interesse, infelizmente. — O que estava incomodando sua gata antes parecia estar sob controle.

Com o jantar pronto, Lacey colocou a tigela de sopa fumegante e o queijo quente sobre a mesa. Havia acabado de se sentar quando algo atingiu a parede do apartamento ao lado. Por reflexo, deu um pulo.

16

O volume das vozes furiosas aumentou. Jack já não estava mais tão calmo nem no controle. Na verdade, parecia que ele havia perdido completamente a razão. Os dois estavam gritando, um tentando gritar mais alto que o outro.

Lacey suspirou. Era demais para ela. Deixando o guardanapo de lado, foi até a parede da cozinha e bateu gentilmente. Ou eles não escutaram ou optaram por ignorá-la, algo que faziam com frequência cada vez maior.

Ela havia acabado de se sentar quando uma explosão quase a fez cair da cadeira. Um dos amantes enfurecidos decidiu ligar o rádio. No volume máximo.

O rádio foi desligado abruptamente, seguido por um discurso de Jack.

E foi ligado de novo.

E então desligado.

Mais uma vez, com a mesma gentileza, Lacey bateu com a palma da mão na parede.

Eles a ignoraram.

Então, por alguma razão, houve um silêncio. Um silêncio abençoado. O problema havia sido resolvido ou eles se mataram. Qualquer que fosse a razão, o silêncio era uma bênção.

Quando Lacey terminou o jantar, lavou a louça. Cléo continuava a se entrelaçar em seus tornozelos, miando e choramingando o tempo todo.

— O que há de errado com você, garota? — Lacey perguntou outra vez.

Agachando-se, correu a mão sobre a espinha da gata.

Cléo arqueou as costas e choramingou um pouco mais.

— Você está diferente — Lacey comentou, preocupada.

Então, finalmente se deu conta.

— Você está no cio! Ai, meu Deus, você está no cio! — Como ela poderia ser tão burra?

Saindo da cozinha, procurou em sua agenda o nome que o dono do pet shop havia passado. Se ia cruzar a gata, precisava falar antes com essa mulher.

— Coitada da Cléo — Lacey disse com compaixão. —

Pode confiar em mim, querida, os homens não valem esse trabalho todo. — E rapidamente encontrou o número.

— Meu nome é Lacey Lancaster — ela disse apressada. — O dono da Pet's World me deu seu número. Comprei uma gata da raça abissínia alguns meses atrás.

Logo depois que se apresentou, a discussão no apartamento ao lado recomeçou.

— Sinto muito, querida, mas não consigo entendê-la! — a mulher do outro lado da linha disse com um sotaque irlandês suave.

— Disse que comprei uma gata da raça abissínia.

— Parece que você está em uma festa.

— Não tem festa nenhuma — Lacey disse mais alto, quase gritando também.

— Talvez seja melhor me ligar quando seus convidados forem embora — disse a irlandesa, gentil, e desligou o telefone.

Lacey teve um estalo. Sua educação que lhe dizia para nunca causar problemas foi por água abaixo em um segundo. Ela bateu o telefone no gancho e cerrou os punhos.

— Estou farta disso! — ela gritou. E de fato estava. Farta dos homens que não sabiam o significado das palavras: “fiel” e “compromisso”. Dos patrões que tiravam vantagem dos empregados. E dos vizinhos neandertais

que levavam uma mulher atrás da outra para dentro de seus apartamentos sem ao menos pensar duas vezes.

Lacey saiu de seu apartamento para o corredor. Seus passos eram rápidos e largos. Entretanto, quando chegou ao apartamento de Jack, o fogo de seu ódio havia abrandado. A raiva não resolveria nada. Bateu à porta calmamente e esperou.

A discussão parou abruptamente e a porta se abriu. Lacey levou um susto, que até a fez dar um pulo para trás. Sarah também saltou para trás e olhou para ela. Era evidente que a outra mulher não a havia ouvido bater.

— Olá — Lacey disse com os batimentos cardíacos zunindo em seus ouvidos. — Queria saber se vocês dois podiam falar um pouco mais baixo.

A mulher, jovem e bonita, piscava tentando conter as lágrimas.

— Não precisa se preocupar. Já estou de saída.

Então Jack apareceu, parecendo cortês e calmo. Seu rosto se iluminou quando viu que era Lacey.

— Lacey — ele disse dando-lhe um sorriso afável —, que surpresa agradável!

— Com essa gritaria toda não consegui nem dar um telefonema — ela explicou, sem querer dar uma impressão errada. Não era uma visita social.

— Me perdoe! — Jack olhou para Sarah. — Isso não vai se repetir.

O queixo de Sarah caiu enquanto ela pendurava a bolsa no ombro.

— Eu... eu acho que não temos mais nada a dizer um para o outro. — Passou por Lacey e foi em direção ao elevador.

— Sarah! — Jack colocou as mãos sobre os ombros de Lacey e a colocou de lado, virando-se novamente para Sarah. — Estou avisando... só não faça nenhuma besteira.

— Como ouvir você?

Jack suspirou e olhou para Lacey, como se tudo fosse culpa dela.

Lacey abriu a boca para dizer exatamente o que pensava dele, mas, de repente, mudou de ideia. Jack não a escutaria. Homens nunca a escutavam. Por que perder tempo?

Sem nada mais a dizer, voltou ao apartamento. Para sua surpresa, percebeu que havia deixado a porta aberta. Imediatamente pensou em Cléo e correu para dentro, em pânico.

Parou assim que a avistou.

— Cléo! — A gata estava em meio ao fogo da paixão com um gato que nunca havia visto antes.

Colocando as mãos sobre a boca, Lacey soltou o corpo apoiando-se na parede. Não precisava mais da irlandesa. Cléo já havia encontrado seu par.